



VOZ DA FÁTIMA

É sobretudo agora no Verão que, de norte a sul do País, se realiza maior número de festas e romarias. Elas são (ou devem ser) uma manifestação sincera de piedade religiosa e de alegria cristã. Muitas vezes, porém, esquece-se o seu sentido religioso para se entregar, apenas, a manifestações ruidosas e desprovidas de senso e de moral. Vivendo o espírito da mensagem da Fátima, podemos e devemos ser alegres e exteriorizar essa alegria, mas nunca devemos esquecer que somos cristãos e, portanto, que não devemos praticar actos que nos envergonhem.

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Correspondência para: P. Joaquim Gaspar — Leiria

ANO XLVIII — N.º 585
13 DE JUNHO DE 1971
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

A Peregrinação Nacional de Maio

MAIS uma vez, a Fátima deu a sua grande lição de oração e penitência ao mundo supercivilizado ou superpaganizado em que vivemos pela voz e pela atitude de mais de 500.000 peregrinos.

Rezai, rezai muito! — pediu a Mãe de Deus — e os peregrinos de Maio de 1971 rezaram no percurso e rezaram e cantaram (e cantar é rezar duas vezes — diz Santo Agostinho) sobretudo junto da capelinha das Aparições, na via-sacra, procissão das velas e vigília de oração durante toda a noite de 12 para 13, nas duas missas oficiais, nos diversos terços tanto em particular como em conjunto, quer no dia 12, quer no dia 13, — e tudo isto numa atitude de fé, de devoção, de humildade, como é raro ver-se hoje.

Fazei sacrifícios! — recomendou também a celestial Senhora — e os peregrinos souberam responder a este pedido com generosidade heróica.

Foram muitos os milhares de peregrinos que fizeram a pé centenas de quilómetros, chegando à Fátima com os pés ensanguentados.

Penitência nas voltas que tantos centenares deram em torno da capelinha ou descendo a esplanada.

Penitência — e bem custosa — na noite passada em vigília constante de oração ou dormindo ao relento no duro e frio chão.

E não há sacerdote nem pregador que aconselhe ou estimule tais penitências. É a fé, a piedade, o amor a Nossa Senhora, que leva o povo a actos tão custosos e heróicos.

A peregrinação subordinou-se ao habitual programa.

No dia 12, às 6.30 da manhã, iniciou-se na capelinha das Aparições a via-sacra pela «Igreja do Silêncio», até ao Calvário Húngaro. Mais de cinco mil pessoas fizeram esse longo percurso que demorou cerca de duas horas a rezar e a cantar e a escutar comovidamente as meditações que se faziam junto de cada estação. A concelebração final no Calvário Húngaro foi presidida pelo Senhor Bispo de Leiria. Comungaram umas duas mil pessoas.

A chamada hora-santa nacional na noite de 12 para 13 foi pregada pelo Senhor Dom Francisco da Mata Mourisca, Bispo de Carmona e São Salvador em Angola, orador oficial desta peregrinação.

Às 10 horas do dia 13, rezou-se

o terço, seguindo-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora desde a capelinha das Aparições para o altar exterior da basílica.

A missa solene foi presidida pelo Em.º Cardeal Alexandre Renard. Concelebraram cinco Arcebispos, 13 Bispos e 25 sacerdotes. O Senhor Cardeal Dom Manuel Gonçalves

Cerejeira assistiu num cadeiral junto do andor de Nossa Senhora.

Depois do Evangelho, o Cardeal Renard proferiu em francês a homilia que publicamos noutra local.

A missa foi celebrada em latim em vista da diversidade de línguas dos concelebrantes.

Na oração dos fiéis, pronunciada

O Papa falou aos peregrinos

Amados Peregrinos de Fátima:

Em espírito voltamos a esse Santuário. Acodem-Nos à mente, com saudade, as imagens que aí Nos foi dado contemplar, quatro anos atrás.

Hoje como então, peregrinos, Nos integramos nessa assembleia que reza e canta os louvores da Mãe da Igreja, Mãe da divina graça, causa da nossa alegria e, sempre, refúgio dos cristãos.

«Vida, doçura e esperança nossa, salve!» Pobres, vimos com humilde oferta que, sob o Vosso olhar, colocamos no altar de Deus: os nossos corações animados pelo propósito de «fazer tudo o que Cristo Senhor nos disser». E, pelo Vosso valimento, confiamos que o Altíssimo nos vai aceitar e ser propício. «Eia, pois, advogada nossa, salve!».

Comemoram-se hoje, Irmãos e Filhos caríssimos, os vinte e cinco anos duma data feliz e dum gesto nobre: quando as mulheres de Portugal quiseram oferecer as suas jóias à Rainha da Paz, para, por ela, fazerem chegar a Deus o agradecimento por ter sido esse dilecto País poupado ao flagelo da guerra, que há pouco terminara. Dessas jóias se entreteceu a coroa, com a qual um Legado Pontifício, em solene cerimónia, exornou a imagem de Nossa Senhora. Belo rasgo de fé cristã, com que foi evocada e celebrada a paz, tema sempre actual de apelo aos homens de boa vontade e de oração instante.

A paz! Mais do que equilíbrio exterior, de ordem jurídica, ela é principalmente o resultado de serem respeitados e actuados os designios de sabedoria e de amor de Deus sobre nós e sobre o mundo. Por isso, ela começa nos corações dos homens, como empenho e como graça, a tornar-se depois estilo de vida, que reflecte a sua luz na cidade temporal.

Temos pois de construí-la e pedi-la ao Senhor, cada dia: paz nos espíritos, para a paz das armas: paz nas Nações, para a universal fraternidade dos homens todos, na verdade, na justiça e no amor; paz e harmonia entre os cristãos, para eficácia do seu testemunho da caridade frente ao mundo e para «os pobres serem evangelizados»; paz e harmonia, enfim, no interior da Igreja, para ela ser «o fermento e a alma da sociedade humana, que deve ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus» pela qual «seja dada ao Pai e Criador do universo toda a honra e toda a glória».

Este o apelo, esta a prece que, por Maria, elevamos ao Céu, nesta hora.

Saudamos todos os presentes e os que Nos seguís pela rádio e pela televisão; em particular, o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, o Senhor Cardeal Arcebispo de Lião, os demais Senhores Bispos e Sacerdotes, religiosos e fiéis desse dilecto país, com as Autoridades que tomam parte nas cerimónias; e, ainda, com especial afecto, as crianças e os doentes. Na mesma estima envolvemos os peregrinos provenientes de outras Nações.

Para todos vós imploramos, pela Mãe Santíssima, com a paz de Cristo, copiosas graças celestiais, ao abençoar-vos: EM NOME DO PAI + E DO FILHO + E DO ESPÍRITO SANTO. AMEN!

em português, alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, eslovaco e húngaro, pediu-se pelas seguintes intenções:

— Para que todos os povos reconheçam Maria Santíssima como Rainha da Paz e do Mundo.

— Pela paz na Igreja e no Mundo.

— Pelo Sínodo dos Bispos.

— Pela beatificação do servo de Deus Pio XII.

— Por todos os peregrinos nacionais, estrangeiros e seus familiares.

— Por todos os doentes e por todas as intenções da assembleia.

Na altura própria, os concelebrantes distribuíram a comunhão aos fiéis em número de alguns milhares.

Terminada a missa, foi transmitida a mensagem do Papa, através da televisão e da Rádio para todo o País, cujo texto publicamos nesta página. No final, a assistência sublinhou a alocação papal com uma salva calorosa de palmas.

● Continua na página 2



FÁTIMA, 13 DE MAIO — O Cardeal Renard lendo a sua homilia na missa solene da peregrinação.

PEREGRINAÇÃO DE MAIO

(Vem da 1.ª página)

Depois da leitura dum telegrama enviado ao Santo Padre, o Sr. Bispo de Leiria leu a consagração ao Coração Imaculado de Maria feita pelo Papa Pio XII.

Foi então exposto o Santíssimo Sacramento e o Cardeal Renard deu a bênção a 229 doentes, postados em macas e cadeiras, caridosamente assistidos por médicos e servitas. Através das câmaras da televisão, o Cardeal Arcebispo de Lião deu a bênção do Santíssimo Sacramento a todos os doentes de Portugal. A seguir, deu a bênção aos peregrinos.

O Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que havia assistido a todos estes actos em cadeira especial, junto do andor da imagem de Nossa Senhora, benzeu e coroou nessa altura uma imagem da Virgem Peregrina que vai ficar na Fátima para percorrer as localidades de Portugal que o desejem. Foram ainda benzinadas outras coroas para imagens de Nossa Senhora da Fátima, uma das quais para o Sr. Arcebispo de Campala (Uganda), que assistiu às cerimónias.

As cerimónias terminaram com a procissão do adeus em que se incorporaram os Cardeais, Bispos, o Chefe do Estado e centenas de milhares de peregrinos, que com seus lenços brancos se despediram de Nossa Senhora que regressava à Capela das Aparições.

A RESIGNAÇÃO DO PATRIARCA DE LISBOA E NOMEAÇÃO DO SUCESSOR

Pouco antes de principiar a celebração, quando os Bispos portugueses se paravam na sacristia da Basílica, S. E. o Sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira pediu a todos um momento de atenção. Comunicava-lhes que o Santo Padre havia aceiteado o seu pedido de resignação de Patriarca de Lisboa e que tinha nomeado para o substituir o Sr. D. António Ribeiro, Bispo titular de Tigilava e seu auxiliar. A notícia colheu todos os Bispos de surpresa. Então, em nome do Episcopado, proferiu palavras de homenagem a Sua Eminência o Sr. Arcebispo de Braga.

O facto anunciado por S. Em.^a tornou-se logo conhecido, e, assim, ainda as cerimónias não haviam terminado, a Emissora Nacional e a Radiotelevisão transmitiram da Fátima para todo o mundo a notícia que, pouco depois, foi oficialmente comunicada a todos os peregrinos, através dos altifalantes do Santuário pelo Sr. Bispo de Leiria. A peregrinação das bodas de prata da coroação de Nossa Senhora foi o último acto público em que o Sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira tomou parte na qualidade de Patriarca de Lisboa.

nitência perecereis todos da mesma maneira» (Lc. 13, 5). «Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-Me» (Lc. 9, 23). Conheceis, certo, melhor do que eu os pedidos feitos por Nossa Senhora (e pelo Anjo). Vou recordá-los.

«Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» «Fazei sacrifícios pelos pecadores?»

No fundo encontramos aqui toda a redenção do mundo por Jesus: redenção obtida no amor e no sofrimento, sofrimento sinal de amor e amor que dá sentido ao sofrimento.

É a esta Redenção de Cristo que Maria quer que unamos os nossos sofrimentos e os nossos sacrifícios; pede-nos que aceitemos o perdão de Jesus na confissão dos nossos pecados e o pão de Cristo na Eucaristia. Só Cristo dá valor às nossas súplicas e às nossas ofertas. Devemos compreendê-lo como S. Paulo: «Eu completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo em benefício do Seu Corpo, que é a Igreja» (Colos. 1, 24).

Quem melhor participou na Paixão de Cristo junto da Cruz foi a Santíssima Virgem, pois Ela era a mais amante e a mais pura, por isso mesmo a mais unida a Cristo crucificado.

Porque as palavras de Nossa Senhora primeiro foram vividas e realizadas é que nós as devemos ouvir com maior interesse.

Estava-se na I Grande Guerra mundial: era por isso que a Virgem Santíssima pedia tanto que se rezasse e se oferecessem sacrifícios pela paz do mundo. Ora a paz do mundo continua perturbada. Há guerras que matam homens e que fazem chorar esposas e filhos. As nações e as classes sociais estão divididas pelo ódio e pela injustiça... e a humanidade não tem paz nem felicidade. Devemos, pois, pedir pela paz entre as nações e em cada nação e que desapareçam as causas das guerras e das divisões, a falta de amor e de justiça de verdade e de liberdade, as quatro colunas que, no dizer do Papa João XXIII, são o fundamento da paz.

Devemos, pois, procurar obter de Jesus por intercessão de Sua Mãe uma graça de conversão na fé e na caridade, para nos tornarmos cristãos verdadeiros. São Paulo escreve: «Só tem valor a fé que actua pela caridade» (Gal. 5, 64), esta fé católica ensinada por Paulo VI, posta ao serviço dos cristãos verdadeiros, dos cristãos adultos, contanto que nós sejamos muito humildes, porque Cristo disse: «Sem Mim nada podeis fazer» (Jo. 15, 5), e também com a alma a transbordar de esperança, pois S. Paulo diz: «Tudo posso n'Aquele que me dá força» (Fil. 4, 13).

Que Nossa Senhora da Fátima se digne encher todos os seus peregrinos do Espírito de Cristo, a fim de que eles sejam testemunhas e apóstolos do seu Filho nos nossos dois países de Portugal e da França e no Mundo inteiro. E, se isso apraz a Deus, que alguns recebam aqui vocações sacerdotais e religiosas de que a Igreja tanto precisa. Amen.

Homilia do Cardeal Renard

Meus queridos irmãos.

Sinto imensa alegria por, neste dia 13 de Maio, no 25.º aniversário da coroação de Nossa Senhora da Fátima, em união convosco e com o Santo Padre, festejar a Santíssima Virgem Maria, Mãe de Cristo e da Igreja.

Devo esta alegria ao maternal convite do Senhor Bispo de Leiria a quem quero manifestar o meu profundo reconhecimento pela graça que recebo através desta peregrinação mariana.

A todos vós quero dizer da minha satisfação ao encontrar em vós um povo de Deus que acredita em Cristo Nosso Senhor e se conserva intimamente unido ao Santo Padre Paulo VI aos nossos Bispos em comunhão de Fé e de Caridade.

Nós acreditamos na Virgem Santíssima. Foi Ela que, pela sua total e incondicional aceitação da Vontade Divina, nos deu Jesus, Filho de Deus e único Salvador Universal.

Quando, pela mensagem do Anjo, soube que podia ser virgem e mãe, respondeu simplesmente: «Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc. 1, 38).

Por esta abertura total ao apelo de Deus com o mais filial amor, a Virgem Maria torna-se verdadeiramente a cristã adulta, a cristã perfeita, a maior santa: por isso lhe chamamos «a Virgem Santíssima».

Nós confiamos em Nossa Senhora, porque Ela nos ama a todos: ama o seu Filho, Jesus, desde o presépio até à Cruz; como Mãe Imaculada sem a mais pequena ponta de egoísmo Ela ama o mais terno e mais generoso dos filhos.

Nunca nenhum amor humano alcançou a grandeza e a pureza do amor que uniu Jesus e Maria. Mas a Virgem Santíssima, na pessoa de seu Filho único, ama-nos a todos nós, irmãos e irmãs de Cristo, visto que, pela Fé e pelo Baptismo, nos tornámos filhos de Deus com a vida de Cristo. Por isso

cada um de nós se torna objecto do amor da Virgem Maria como a mais vigilante e a melhor das Mães.

Porque Ela nos ama, podemos e devemos ter confiança absoluta n'Ela: Ela conhece as nossas dificuldades e as nossas necessidades; exponhamos-lhas com simplicidade.

Estejamos certos de que Ela intercederá por nós junto de seu Filho como em Caná onde Ela pediu vinho para os seus hospedeiros, aliás, com pouca precisão dele.

Por aqui se vê a grande bondade da Santíssima Virgem.

Mas é preciso ouvi-l'A com o amor e a confiança que lhe consagramos. Será possível que filhos bem educados não oiçam o que a mãe lhes diz, e lhe não obedeçam?

Ora Nossa Senhora, nas suas aparições aos três pequenitos, muitas vezes pediu que orássemos. Era a sua maneira pessoal de, muito fiel a Cristo, nos dizer: «É preciso sempre orar e não desfalecer» (Lc. 18, 1).

«Orai, orai muito», «Recitai as Ave Marias», «Meditai nos mistérios do Rosário». A mensagem da Fátima é um grande apelo à oração. Orar é adorar ao Deus Vivo, é contemplar a Jesus Salvador, é invocar a Santíssima Virgem, é confessar que somos fracos, é tornar-nos mendigos de Deus, é mostrar-nos gratos, implorar o perdão dos pecados. Orar é unir a terra ao Céu e querer fazer da terra o caminho para o Céu. Ora o nosso mundo, desorientado porque já não conhece a Deus, desordenado pelo ódio e pelas injustiças, tem imensa precisão de graças. Devemos, pois, orar pelos homens, pelo bem e pela salvação de todos os homens.

A Virgem Santíssima, nas suas aparições, recomendara também aos seus confidentes que fizessem penitência.

Também neste ponto Ela é um eco fiel do Evangelho: «Se não fizerdes pe-



D. Manuel Gonçalves Cerejeira, grande devoto e amigo de Nossa Senhora da Fátima, na Cova da Iria, na peregrinação de Maio, quando foi anunciada a sua resignação de Patriarca de Lisboa. Respeitosas homenagens da «Voz da Fátima».

Saudação do Senhor Bispo de Leiria ao Cardeal Renard

Eminência Reverendíssima

É com a maior satisfação e consciência bem viva da honra que nos é dada que venho saudar Vossa Eminência Reverendíssima, Venerando Arcebispo de Lião e Primaz das Gálias, e dar-lhe, em meu nome pessoal e ao de toda a assembleia cristã aqui presente, os melhores e mais respeitosos cumprimentos de boas-vindas.

Todo o Bispo francês é sempre bem-vindo à nossa terra, tantos são os laços históricos, étnicos, culturais e religiosos que unem estreitamente a França e Portugal. A Vossa Pátria, Senhor Cardeal, encontra-se nas origens da Nação Portuguesa: era francês o pai do nosso primeiro Rei, Senhor Dom Afonso Henriques, e francesa foi também a Augusta Senhora, Mãe do nosso último Rei — Senhor Dom Manuel II — a Rainha, ainda hoje tão lembrada e querida, Senhora Dona Amélia de Orleães e Bragança.

No decurso da história, vagas sucessivas de franceses vieram ajudar-nos a libertar a nossa terra ou nela vieram viver lado a lado com os nossos antepassados. Atestam-no frequentemente nomes de cidades e de famílias, no continente e ilhas adjacentes. E o contributo cultural da França latina e cristã não se finda no passado. Persiste no nosso tempo.

Por seu turno, verifica-se largamente o movimento em sentido inverso. Dezenas de milhar de trabalhadores portugueses, entre os quais muitos oriundos desta amada Diocese, demandam a França para aí exercerem a sua laboriosa actividade. Acolhidos com sentimentos verdadeiramente fraternais, esforçam-se, por seu lado, creio poder afirmá-lo, por corresponder à gentil hospitalidade, que lhes é dispensada, com seu reconhecido espírito de disciplina e de serviço, indimentável lealdade e amor ao trabalho.

Mas se todo o Bispo francês é sempre bem-vindo à nossa terra, com particular razão o é, neste lugar sagrado, a tantos títulos profundamente mariano, o Venerando Arcebispo de Lião.

Não é preciso ser-se especialista em teologia positiva para ter suficiente conhecimento da excepcional figura de Santo Ireneu, o mais ilustre predecessor de Vossa Eminência Reverendíssima. Podemos afoitamente chamá-lo o primeiro Bispo teólogo,

que fidelissimamente transmitiu, defendeu e largamente expôs o depósito da fé, bebido nas primeiras fontes, discípulo aproveitado que foi de São Policarpo e, através dele, do Apóstolo São João.

Mas, entre as muitas benemerências de que é devedora a Igreja a S. Ireneu, é de sublinhar, na presente circunstância, que foi ele quem estabeleceu uma das bases mais fecundas de toda a Mariologia. Foi Santo Ireneu, com efeito, quem primeiro desenvolveu o paralelo teológico entre EVA e MARIA, entre Eva que pela sua desobediência se tornou para todos causa de morte, e Maria, a sempre Virgem, que, pela Sua obediência e submissão sem par, veio a ser, para Ela mesma e para todo o Género Humano, princípio efectivo de salvação.

É sem dúvida a este famoso Padre da Igreja que a nobre Cidade de Lião deve a sua devoção tradicional — tradicional, no melhor sentido da palavra — que fez dela, talvez, a cidade mais profundamente mariana de toda a França. Seja como for, não há dúvida de que a grande cidade de Ireneu foi muitas vezes na história pioneira no reconhecimento expresso dos privilégios de Maria. É conhecido o antigo fervor dos lionenses para com Maria Imaculada e, ainda hoje, como me contaram, a celebração anual da Imaculada Conceição é festa exuberante de luz e cor.

Esta fama de devoção mariana de Lião não foi decerto estranha ao convite dirigido a um dos predecessores, quase imediato, de Vossa Eminência Reverendíssima, o Cardeal Gerlier, para tomar parte nas cerimónias que neste mesmo lugar se desenrolaram para fecho do Ano Santo, em 1951. É certo que ele fora também Bispo de Lurdes de que o meu venerando antecessor — como no geral os portugueses —, era fiel e devoto peregrino. O aniversário que hoje celebramos, e conosco celebram dezenas e dezenas de Bispos no mundo inteiro, está intimamente relacionado com outro magnífico privilégio de Maria, posto em relevo em 1954 pelo Servo de Deus, Pio XII, isto é, a Sua Realeza Universal. Ora, este privilégio, melhor, o seu progressivo reconhecimento, verdadeira coroa do edifício teológico da Mariologia, é o feliz resultado de um longo caminho percorrido, no qual desempenhou papel importante a Cidade e Diocese de Lião. Fizera-me notar, com efeito, que foi outro Arcebispo da vetusta Diocese Ireniana, o Cardeal Coullé, quem, em 1898, aclamou pela primeira vez Maria Rainha do Universo. Dois anos depois, celebrava-se, na mesma cidade, o primeiro Congresso Nacional Mariano Francês que, retomando uma antiga súplica dos Bispos franceses, datada de 1864, emitiu o voto de «que fosse instituída todos os anos, com Ofício próprio, uma solenidade com o título de Festa da Realeza Universal de Maria».

Assim, a presença de Vossa Eminência como Arcebispo de Lião, neste 25.º aniversário da solene coroação da Virgem venerada neste Santuário, é inteiramente oportuna. O Cardeal Masella, na verdade, no desempenho da sua alta missão, como Legado «a latere» de Pio XII, coroou aqui Nossa Senhora expressamente como Rainha do Universo. E esse acto solene seria o último de uma série antes da proclamação de 1954 da Festa da Realeza Universal de Maria estendida ao mundo inteiro.

Mas seja-me permitido acrescentar que a presidência de Vossa Eminência Reverendíssima na celebração de hoje não nos é querida somente por respeito à nobre Cátedra da Arquidiocese de Lião que Vossa Eminência tão brilhantemente ocupa. Acima de tudo, vemos em Vossa Eminência o tipo do Bispo que exigem os tempos de hoje, Bispo do II Concílio do Vaticano, no pleno sentido que a expressão encerra.

E neste momento recordo, antes de mais, essa estupenda Constituição Dogmática «Lumen Gentium», verdadeira carta magna sobre a Igreja de Cristo, com que o mesmo Concílio brindou os fiéis do mundo inteiro. E de modo muito particular o seu célebre Capítulo VIII, consagrado a Maria, que devia receber de Paulo VI como que a sua confirmação e chancela, na histórica proclamação da Maternidade Universal de

Maria, mais Mãe ainda do que Rainha.

Entre os 30 e tantos títulos de obras, espalhadas em milhares e milhares de exemplares, que saíram até hoje da bem aparada pena de Vossa Eminência, várias são outros tantos lúcidos comentários dos grandes textos do Concílio. Todas, no entanto, poderiam ostentar no frontispício o aliciente título, que encontramos na última a sair dos prelos, «La Crise et l'Espérance» — fidelidade e progresso.

Na esteira do grande Ireneu, Vossa Eminência mostra-se simultaneamente firme em transmitir e defender o «Depósito da Fé», e aberto no uso da linguagem que convém ao nosso tempo.

Como em Santo Ireneu, é estreita em Vossa Eminência a união a Roma, a Igreja-Mãe, ao Papa, Sucessor de Pedro, Vigário de Cristo.

Vive e trabalha na Fátima

a Presidente Nacional da Liga Católica Feminina que há 25 anos lançou a ideia da recolha de objectos de ouro para a coroa de Nossa Senhora

As comemorações da coroação vinham a ser preparadas há meses.

Uma das pessoas que viveram mais intensamente todos os actos preparatórios foi sem dúvida a antiga presidente nacional da Liga Católica Feminina e presidente da comissão da recolha de objectos de ouro, Sra. D. Maria do Carmo Ferreira de Mesquita de Moura.

Uma vida totalmente dedicada à causa da Igreja em Portugal. Durante 16 anos, viveu e trabalhou para a Acção Católica, primeiramente como secretária e depois como presidente nacional da Liga Católica Feminina. E nesse tempo procurou orientar aquele Organismo da A. C. para a divulgação e vivência da Mensagem da Virgem na Fátima, organizando as primeiras peregrinações ao Santuário fora dos dias 13.

Há alguns anos, passou a viver na Fátima até que a Comissão Executiva do Conselho Internacional do Exército Azul de Nossa Senhora a convidou para dirigir a casa que esta Associação tem na Cova da Iria. Aqui trabalha, há três anos, na organização de congressos, reuniões, conferências, quase todas de carácter internacional, para estudo e divulgação da Mensagem da Fátima.

Quisemos, neste dia, ouvir da Sra. D. Maria do Carmo Ferreira de Mesquita de Moura alguns pormenores dessa magnífica jornada das mulheres portuguesas de há 25 anos.

Acedeu prontamente, quase comovidamente, declarando-nos que, desde há meses, que recorda no seu gabinete da «Domus Pacis» do Exército Azul, não sem lágrimas, por vezes, todos os pormenores do movimento que galvanizou todo o Portugal continental, insular e ultramarino, pois de todos os pontos as mulheres entregaram, com uma generosidade inexcedível, as suas jóias.

— A ideia surgiu-nos espontaneamente, numa reunião da Acção Católica, no Poço Novo, em Lisboa. Não levei qualquer ideia preconcebida. Não tinha falado a ninguém. Estavam presentes as senhoras da Direcção e o assistente nacional P.º Domingos da Apresentação Fernandes.

Todo o mundo ardia em guerra. Destruições sem conta. A aflicção do Papa. Portugal estava em paz.

Perguntei: — E se as mulheres portuguesas oferecessem uma coroa de ouro feita com jóias e objectos para a Virgem da Fátima a cuja intercessão nós devemos, sem dúvida, a paz que disfrutamos?

Sem qualquer hesitação, as senhoras presentes entregaram imediatamente os objectos de adorno que nessa altura tinham.

A ideia veio para fora da reunião e imediatamente se transmitiu a todas as

Como Ireneu, finalmente, Vossa Eminência venera e ama e faz venerar e amar a Virgem Maria, Mãe da Igreja, nossa Mãe!

Temos, pois, com a ajuda de Deus, o coração aberto para receber, se me é permitido dizê-lo, a Mensagem da Igreja de Lião, isto é, o testemunho de devoção marial mais antigo da Igreja, que entronca nos próprios Apóstolos, tão maravilhosamente conforme com o actual ensinamento do Concílio e com os pedidos de nossa Mãe e Rainha que Se dignou aparecer neste lugar para nos chamar à conversão, à entrega generosa de nós mesmos, para nos fortalecer na esperança que não confunde. «Por fim, disse aqui aos Pastorinhos, o Meu Coração Imaculado triunfará». Triunfará, apressando o Reino de Seu Filho, Reino de amor e de paz, Reino do Cordeiro sem mancha e Ressuscitado!

Tais são, Eminentíssimo Senhor, os sentimentos que me sugere a Sua presença veneranda, neste momento e neste lugar. Peço Se digne lançar sobre nós e sobre todos os peregrinos aqui presentes a Sua primeira Bênção Pontifical.

direcções diocesanas. Formou-se uma Comissão de Honra nacional, da qual se propuseram imediatamente fazer parte senhoras da nossa melhor sociedade. Deu-se conhecimento ao Episcopado.

Todo o País foi sacudido pelo gesto das mulheres que entregaram os seus brincos, cordões, pulseiras, alfinetes, pérolas, rubis, diamantes: um sem número de peças que formaram mais duma dezena de quilos de ouro. Muitas entregaram o único adorno que possuíam.

Segundo me recordo, foi em Fevereiro de 1942 que se iniciou o movimento, e, poucos meses depois, tínhamos todo o material necessário para a coroa. Chamou-se o Sr. Jaime Leitão da Ourivesaria Leitão que se prontificou a fazer gratuitamente um objecto tão precioso. O Sr. Bispo de Leiria que acolheu, de braços abertos, iniciativa tão querida ao seu coração de Bispo de Nossa Senhora, deu todas as facilidades para que os artistas se deslocassem à Fátima para tirar medidas à imagem da Capelinha.

Durante dois ou três meses alguns artistas da Casa Leitão trabalharam só na confecção da coroa. Do ouro que se juntou sobraram muitas peças que foram reduzidas a barra e depositadas na Cova da Iria juntamente com a coroa.

O Sr. D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, decidiu receber o precioso objecto da Comissão Nacional no dia 13 de Outubro de 1942. Vim à Cova da Iria com as Ex.ªs Senhoras da Comissão e o P.º Domingos da Apresentação Fernandes, que faleceu como Bispo de Aveiro. Não imagina a alegria e a comoção que eu senti, como aliás todas as senhoras, ao entregarmos nas mãos do Bispo de Nossa Senhora da Fátima a coroa de ouro, símbolo da gratidão das mulheres portuguesas, à Virgem da Cova da Iria, pela protecção divina dispensada à nossa Pátria.

A grande cerimónia da coroação tinha que aguardar o termo da terrível catástrofe. Só em 13 de Maio de 1946, já depois de assinada a paz, a veneranda imagem seria coroada pelo Legado do Santo Padre Pio XII, Cardeal Aloisio Masella.

Findas estas declarações, deixámos a Sra. D. Maria do Carmo na sua faina de receber os peregrinos estrangeiros que da América do Norte, França, Irlanda e outros países chegaram à «Domus Pacis» para estarem presentes nas grandes cerimónias do 25.º aniversário da coroação da Virgem da Fátima, ao mesmo tempo que irá recordando os momentos mais felizes da sua vida.

Francisco Pereira de Oliveira

Correspondência para VOZ DA FÁTIMA

Em virtude do precário estado de saúde de Mons. Manuel Marques dos Santos, director da VOZ DA FÁTIMA, que se encontra de cama e impossibilitado de ler e escrever, pedimos que, de futuro, toda a correspondência sobre assuntos relacionados com este jornal seja enviada para: P.º Joaquim D. Gaspar, Voz da Fátima, LEIRIA.

Com 79 anos de idade, Mons. Marques dos Santos, agora muito doente, sempre dedicou particular amor e carinho pelas coisas da Fátima e pela difusão da devoção a Nossa Senhora e do seu jornal.

Pedimos fervorosamente a Nossa Senhora que lhe conceda as melhoras de que precisa e o cumule de copiosas bênçãos até ao fim da sua vida terrena. As orações dos nossos leitores e de todos os devotos de Nossa Senhora da Fátima recomendamos a prestigiosa figura de Mons. Marques dos Santos.

O Papa exorta os cristãos ao culto de Nossa Senhora numa carta enviada aos Reitores dos Santuários Marianos

Sua Santidade o Papa Paulo VI dirigiu aos reitores dos santuários marianos a seguinte carta:

Queridos Filhos:

Se a Providência divina, por desígnios muitas vezes admiráveis, marcou os Santuários Marianos com um cunho particular, não será para ajudar os pastores e os fiéis a recorrerem com mais confiança e alento à intercessão de Maria numa contemplação amorosa do seu mistério?

As multidões que, hoje como outrora, se congregam nestes lugares, tão evocadores da presença do invisível, vós, os que deles sois ministros e guardiões, tendes certamente a peito inculcar uma devoção autêntica para com Aquela que deu Cristo aos homens. Seguindo as directrizes do recente Concílio Ecuménico, procurais, sem dúvida, convidar os peregrinos a terem em apreço aquelas práticas da piedade mariana que a Igreja tem recomendado, no decorrer dos séculos; e, entre estas, sobressai o Rosário, pela sua aptidão para associar na mesma oração Jesus e Maria. Entretanto, exortamos-vos também a pordes em realce o lugar de Maria no culto litúrgico e, mais ainda, a fazerdes ver n' Ela aquele «modelo das virtudes que refulge diante de toda a comunidade dos eleitos», a apresentá-la «à luz do Verbo feito homem», como Aquela «que, pela sua cooperação íntima na história da salvação, de certo modo reúne e reflecte os imperativos mais altos da fé».

É desta convicção que há-de brotar, efectivamente, a oração dos fiéis, para alcançarem a intercessão de Maria; porque é ela que nos faz compreender em que sentido profundo a Mãe do Verbo Incarnado é também nossa Mãe.

Acreditar em Jesus Cristo e receber a Sua graça não é, acaso, ser incorporado n' Ele, não é tornar-se, segundo a palavra de São Paulo, como que uma extensão misteriosa do seu Corpo? Em todos aqueles actos, pelos quais teve o seu nascimento e crescimento o Corpo Místico de Cristo, Maria participou. Assim, como escreveu Santo Agostinho, Ela é «a Mãe dos membros (que somos nós) de Cristo, por isso mesmo que cooperou, pela sua caridade, no nascimento na Igreja dos fiéis que são membros da Cabeça». Como poderia Ela, por conseguinte, não continuar a participar, pela sua intercessão verdadeiramente maternal, nesta extensão da Igreja, através do espaço e no tempo, nesta integração de todos os homens e de tudo o que é humano, em Cristo, que é continuação da obra da Salvação, começada no seu coração e no seu seio?

Na certeza da adesão de todos os Nossos Irmãos no Episcopado, Nós cremos ser oportuno convidar hoje, por vosso intermédio, os fiéis que frequentam os vossos Santuários, a orarem, com mais fervor ainda, a Nossa Senhora, pela Igreja e pelo mundo.

A FÉ E O PROGRESSO HUMANO

Os homens, no momento actual, oscilam entre as esperanças mais animosas de felicidade terrena e a apreensão perante os males para os quais a sociedade moderna lhes parece encaminhar-se a passos largos. Presentemente há regiões do mundo em que a guerra ainda faz grandes estragos. A própria visão dos progressos humanos, pelo facto mesmo de eles parecerem reservados a alguns povos e a algumas classes privilegiadas — sem por outro lado os satisfazerem — torna cada dia mais insuportável a miséria de enormes multidões de homens.

No entanto, jamais foram oferecidas aos homens tantas possibilidades, como actualmente, para chegarem à unidade, à paz e à felicidade. Mas eles não o conseguirão sem Deus. Realmente, nenhum progresso poderá conferir o valor e a felicidade ao homem, se a Fé em Jesus Cristo e naquilo que Ele nos ensinou não vier iluminar o seu esforço. É esta Fé, de facto, e ela somente, que revela ao homem o que ele mesmo é e aquilo que ele pode ser; é ela, e ela somente, que faz arraigar em todo o seu absoluto e na sua amplitude

o amor entre os homens; é ela, ainda, e ela somente, que funda a esperança dos bens eternos e promete ao esforço humano o seu verdadeiro êxito e a sua vitória sobre a morte.

MARIA, MODELO DE FÉ

Entretanto, no próprio interior da Igreja, a fé de muitos encontra-se, hoje em dia, perturbada. Ninguém duvida de que a contemplação amorosa do mistério de Maria possa fortificar a sua fé em Cristo, que há-de ser vivida num mundo e numa cultura em vias de secularização. Pelo que se refere a este ponto, a intercessão da Virgem Santíssima reveste um significado muito particular. Pois, não é em primeiro lugar por causa da sua fé, que Ela constitui o modelo da Igreja?

«Feliz d' Aquela que acreditou». Através das provocações por que passou, Maria permaneceu firme na sua fé. Antes de chegar à plena claridade, Ela aderiu já plenamente a toda a realidade do mistério da Salvação e da própria Pessoa do Salvador. N' Ela foi verdadeiramente o género humano inteiro que acolheu Cristo, seu Salvador, e se associou à sua obra salvífica. E Ela não cessa de auxiliar cada um de nós a refazer, n' Ele e por Ele, este gesto de fé e de consentimento.

Peçamos, pois, à Virgem Santíssima que alcance para os cristãos de hoje, uma fé pura, forte, inviolável, paciente e fiel, no meio da obscuridade e das provocações, aquela fé, da qual diz São João «ser a nossa vitória

sobre o mundo», uma fé que esteja arraigada como a sua e seja inseparável do assentimento, da obediência e do amor, que adira à verdade manifestada no seu Filho Jesus e trazida intacta até nós, pela tradição viva da Igreja.

Peçamos-lhe que obtenha para os sucessores de Pedro e dos Apóstolos, bem como para todos aqueles que juntamente com eles são ministros e testemunhas da Palavra de Deus, Ela que estava presente e orava no meio da comunidade apostólica no dia de Pentecostes, a graça de anunciarem a Palavra da Fé aos homens de hoje, numa linguagem que lhes seja acessível, sem medo e com alegria.

Procurai, portanto, amados Filhos, fazer dos Santuários Marianos, de que estais encarregados, cada vez mais, lugares de onde se eleve uma oração assim, pela paz, pela unidade, pela felicidade de todos os homens, e, sobretudo, para que eles acolham a Palavra da Fé e a ponham bem no centro da sua vida; lugares, igualmente, de onde se volte ardentemente decidido a trabalhar, com todas as forças, pela paz do mundo e pela unidade da Igreja.

Ao mesmo tempo que formulamos este voto, em penhor da abundância das graças divinas, sobre todos os que vierem rezar nesses Santuários, consagrados pela piedade do povo cristão a Maria Santíssima, concedemos-vos a Nossa paterna Bênção Apostólica.

Vaticano, 1 de Maio de 1971

FÁTIMA, 13 de Maio de 1971 — Depois da missa solene, o Em. Cardeal Alexandre Renard dá a bênção aos doentes concentrados na Cova da Iria e a todos aqueles que assistem através da televisão. Ao fundo, a multidão constituída por algumas centenas de milhar de peregrinos.

